



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - LITORAL
ALTERNATIVAS PARA UMA NOVA EDUCAÇÃO

Alexandro Cardoso

EDUCAÇÃO POPULAR E ALTERNATIVA
De Catador para Catador, vivências compartilhadas com
catadoras/es de materiais recicláveis do Rio Grande do Sul

MATINHOS/PR
2024

Alexandro Cardoso

EDUCAÇÃO POPULAR E ALTERNATIVA
De Catador para Catador, vivências compartilhadas com
catadoras/es de materiais recicláveis do Rio Grande do Sul

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Alternativas Para uma Nova Educação.

Orientadora/es: Educadora Susan Regina Raittz Cavallet, Valdo José Cavallet e Valentin da Silva.

MATINHOS/PR
2024

***A todas aquelas educadoras
e educadores do mundo,
que sempre semearam educação
e partilha de conhecimentos,
com amor, empatia e solidariedade
para a transformação do mundo.***

AGRADECIMENTOS

A todas aquelas e aqueles que:

- Caminham sem pisar em ninguém;
- Lutam pela defesa da educação pública com qualidade;
- Compartilham conhecimentos com nossas crianças, jovens e adultos;
- Lutam por uma economia alternativa a concentração de riquezas;
- Tem empatia, espalham o amor e praticam a solidariedade;
- Defendem a natureza, os seres vivos humanos e não humanos;
- Fazem o impossível para tornarem o mundo possível de se viver.

Agradeço imensamente ao:

- MoAne - Movimento de Alternativas para uma Nova Educação, equipe técnica, educadoras, educadores sociais e colegas educandos;
- UFPR Litoral;
- A família, principalmente minha esposa Lidiane Jaques com quem compartilho a vida, meus filhos, filhas, netas, irmãos, irmãs e nossos “agregados”;
- Ao Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, em especial as cooperativas ASCAT em Porto Alegre e UNICCA em Cruz Alta.

“Feliz aquele que transfere o que sabe e
aprende o que ensina”.

Cora Coralina

RESUMO

Este trabalho é de partilha de conhecimentos compartilhados nas associações e cooperativas de catadoras e catadores de materiais recicláveis do estado do Rio Grande do Sul, ocorrida em seus territórios, onde eu, como educador social, tive como tarefa, ser o facilitador, fortalecendo e ampliando o conhecimento entre a categoria, afirmando nossas identidades, participação social no mundo, a luta pela proteção ambiental e pelos nossos direitos. A formação ocorre dentro da pedagogia que chamamos de educação popular, usando como metodologia De catador para catador, a qual consiste na horizontalização entre os iguais, criando vínculos de confiança e participação. O desenvolvimento do trabalho envolve imagens texto, para facilitar a leitura do texto escrito. O método utilizado de pesquisa é pesquisador que vem de dentro (CARDOSO, 2022), dentro da perspectiva de atuação e mobilização da ANE sobre alternativas para uma nova educação.

Palavras-chave: Catadoras/es de materiais recicláveis, Educador social, educação popular, alternativas para uma nova educação.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Coleta seletiva solidária em Porto Alegre	5
Imagem 2 – Apresentando livro Do Lixo a Bixo	8
Imagem 3 – Alexandre Cardoso em Nairobi/Quênia, frente da marca da ONU	10
Imagem 4 – Print da página Facebook de Alexandre Cardoso, anunciando a conclusão do ensino fundamental	11
Imagem 5 – Alexandre Cardoso em frente da marca UFRGS	12
Imagem 6 – Alexandre Cardoso recebendo certificado de mestre do Presidente Lula.....	13
Imagem 7 – Educação Popular na Cooperativa Ecos do Verde/Santo Ângelo.....	19
Imagem 8 – Educação popular na Cooperativa Cooarlas/Canoas.	20
Imagem 9 – Educação popular na Cooperativa Recibela/Passo Fundo	21
Imagem 10 – Apresentação o nome do projeto	22
Imagem 11 – Apresentação Centro Sama.....	23
Imagem 12 – Importância do diagnóstico	23
Imagem 13 – Bandeira do MNCR.....	24
Imagem 14 – A história de organização do MNCR.....	25
Imagem 15 – Cartaz do segundo congresso Latino Americano.....	26
Imagem 16 – Cartaz da marcha nacional	26
Imagem 17 – Organograma do MNCR	27
Imagem 18 – O que é autogestão	28
Imagem 19 – Auto Gestão.....	28
Imagem 20 – Cadeia produtiva da reciclagem.....	29
Imagem 21 – Quem realmente luta pela reciclagem.....	29
Imagem 22 – Capital versus Trabalho	30
Imagem 23 – A importância da categoria para a sociedade e o meio ambiente.....	31
Imagem 24 – O que é economia solidária?	31
Imagem 25 – O que é uma associação, uma cooperativa?	32
Imagem 26 – Quais são os objetivos da associação/cooperativa?	32
Imagem 27 – As conquistas das catadoras e catadores.....	33
Imagem 28 – O exercício da democracia e da participação	33
Imagem 29 – Informações e conjuntura local	34

	7
Imagem 30 – Educação popular na Cooperativa Cooperlomba/Porto Alegre.....	35
Imagem 31 – Roda de conversa CONANE - apresentação dos projetos.....	41
Imagem 32 – 5º CONANE	42
Imagem 33 – Alexandro Cardoso e Valdo Cavallet	44

SÚMARIO

RESUMO.....	6
INTRODUÇÃO	1
APRESENTAÇÃO DO AUTOR - UMA CARTA ESPECIAL PARA VOCÊ.....	3
DE CATADOR PARA CATADOR - VIVENCIANDO A EDUCAÇÃO POPULAR	18
EDUCADOR SOCIAL - A EDUCAÇÃO TRANSFORMA A MULHER/ HOMEM E AMBOS TRANSFORMAM O MUNDO	35
MOANE - DINÂMICAS TEÓRICAS, PRÁTICAS E EMPÍRICAS DE VIVÊNCIAS.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS.....	48

INTRODUÇÃO

Sou um ser humano profundamente crente de que a educação, seja ela formal, informal, alternativa, popular, é a base para a transformação social, para sermos melhores seres humanos, vencendo nossos desafios, a partir da solidariedade, empatia e amor, algo que transcende o individualismo e nos capacita - nos dá a capacidade - de sermos cada vez melhores uns com os outros e nas relações com a natureza, a economia e a política, manifestada a partir de uma cultura de trocas de conhecimentos.

Este trabalho é fruto da conclusão de curso em especialização em alternativas para uma nova educação, como parte fundamental do MoAne - Movimento de Alternativa para uma Nova Educação, que tem como meio institucional de formação, este curso de especialização lotado na Universidade Federal do Paraná, campus Litoral, onde estudei durante quase dois anos, entre aulas *on-line*, vivências presenciais, reuniões territoriais com educandos e educadores, leituras de textos, finalizando com este trabalho.

A metodologia utilizada é aquela que eu chamo de “pesquisador que vem de dentro” (CARDOSO, 2022), onde sou eu o pesquisador, mas também o catador de materiais recicláveis e o educador social, com identidade junto às catadoras e catadores de materiais recicláveis, os quais me credenciam com sua confiança para alargarmos nossos conhecimentos coletivamente.

Alguém de dentro, que tem a capacidade de falar a mesma linguagem, de ter a mesma intensidade perceptiva sobre o ambiente e as coisas, bem como estar intimamente ligado a partir da sensibilidade, forjada a partir da vivência e construção de identidade, pois somos iguais - o catador educando e o catador educador.

Pelo fato do meu campo de pesquisa ser interligado à minha vida, além de haver a impossibilidade de afastamento, há também meu forte desejo de não me afastar deste campo, pois acredito que temos que avançar, construir e fortalecer, potencializando a/o pesquisadora/r que vem de dentro, para além de suas pesquisas, mas também para que depois de formado, continuar em seu campo, fortalecendo suas/seus iguais, sendo mais um exemplo a ser visto por seus pares: é possível avançar na conquista de conhecimentos sem se afastar do seio que lhe alimentou, tratando este debate como algo positivo, importante e extremamente necessário, vencendo as barreiras epistemológicas que aparecem dentro da construção destes conhecimentos, evidenciados em suas pesquisas e trabalhos.” (CARDOSO, 2022, p. 18-19)

Apresento a formação realizada nas organizações de catadoras/es de materiais recicláveis localizada no Rio Grande do Sul, realizada a partir de visitas

presenciais por uma educadora social, minha companheira de vida Lidiane Jaques e eu, Alexandro Cardoso, ambos catadores de materiais recicláveis.

Busquei escrever de forma objetiva, alternando com a inserção de imagens, as quais também são textos, só que lidas de uma forma diferente e inclusive por quem por ventura ainda não sabe ler palavras, facilitando a compreensão do que está sendo discutido, além de tornar o texto mais prazeroso de ler e claro, principalmente, compreender.

O Capítulo Apresentação do Autor, uma carta especial para você, destaco um pouco da minha biografia de vida e pesquisa, bem como das minhas aspirações sociais, convidando a todas e todos a se aproximar e assim compreender um pouco mais da realidade da minha categoria, bem como da reciclagem, passando a incorporar esta luta em seu destino, como forma de garantia de transformação social, sem esquecer da educação popular e alternativa, como base desta transformação.

Discuto no capítulo seguinte sobre o Educador Social e a educação popular, os quais transformam a mulher e o homem e ambos transformam o mundo, onde artigo, a partir da experiência empírica e de forma direta a importância do engajamento do educador social com seus educandos, bem como a metodologia a ser empregada como mediação destas trocas de conhecimentos.

No capítulo MoAne - Dinâmicas teóricas, práticas e empírica de vivências, discuto um pouco sobre o Movimento de Alternativas para uma Nova Educação, o qual tem como uma de suas bases institucionais, a Universidade Federal do Paraná, Campus Litoral (UFPR/Litoral) em seu curso de especialização em Alternativas para uma Nova Educação, discutindo um pouco sobre os objetivos do movimento, bem como sobre as experiências por mim vivenciadas.

Este trabalho foi realizado com um prazer inenarrável, como algo desejado, fruto das formações e trocas de conhecimentos ocorridas junto às educadoras e educadores do MoAne, o que afirmo, com todo carinho, deveria de ser uma das passagens obrigatórias para todas as educadoras e educadores do mundo, para que possam compreender e reafirmar a construção e aplicação de uma educação que hoje é alternativa, mas que deveria ser a base da educação formal institucional.

APRESENTAÇÃO DO AUTOR - UMA CARTA ESPECIAL PARA VOCÊ

Olá pessoa querida,

Espero que essa carta lhe encontre bem e lhe toque com a mesma intensidade com que a escrevo. Estou tão animado e com muita energia para continuar a lutar e sonhar por um novo mundo, com relações sociais, ambientais e econômicas de cuidado e solidariedade, onde não haja fome, exclusão social e muito menos a morte da natureza, sempre a partir da educação popular e das trocas de conhecimentos, e da organização social, para sermos iguais em direitos, respeitando nossas diferenças e singularidades.

Lembrei de uma autora, que também era catadora de materiais recicláveis, Carolina Maria de Jesus, que em sua obra mais conhecida, Quarto dos despejos, retrata em forma de diário, sua vida no dia a dia da favela Canindé, cidade de São Paulo/SP.

"Tudo quanto eu encontro no lixo eu cato para vender. Deu 13 cruzeiros. Fiquei pensando que precisava comprar pão, sabão e leite para a Vera Eunice. E os 13 cruzeiros não dava! Cheguei em casa, aliás no meu barracão, nervosa e exausta. Pensei na vida atribulada que eu levo. Cato papel, lavo roupa para dois jovens, permaneço na rua o dia todo. E estou sempre em falta." (JESUS, 2004, p. 12).

Além de resistir a todas as diversidades, Jesus relata sua insistência na sobrevivência e combate à fome, cuja solução é uma transformação no mundo, aquilo que já chamamos de revolução, uma utopia, a qual Galeano (1994) fala. Ela está sempre no horizonte e a cada passo que damos, um passo ela se distancia, servindo então, para que jamais possamos parar de caminhar, esta caminhada é a vida, parar de caminhar é morrer. A utopia é também o sonho, aquilo que nos faz acordar com objetivos na vida.

Este sonho pode não ser alcançado somente com a educação popular, quem dera pela educação formal, entretanto sem a educação,

torna-se impossível, pois não devemos nos capacitar apenas por interesses individuais, mas principalmente pelas aspirações coletivas, baseadas em nossas próprias forças e capacidades, no esperar de Paulo Freire, de quem tem esperança, mas não espera simplesmente, pois luta e se organiza coletivamente com esperar nesta construção solidária.

Um mundo onde cada pessoa entenda que é tão diferente quanto importante para as outras, entendendo que nele, estamos apenas de passagem e temos que deixar de pegada, as lembranças de que fizemos o bem e merecemos cada segundo de nossas vidas. Uma das formas de existirmos é nos tornarmos importantes para as outras pessoas, para a natureza e a política humana, através das vivências - da formação, onde compartilhamos nossos conhecimentos tornando este sonho realidade. Se vivermos uma vida de partilhas, esta vida com certeza valerá cada segundo.

Este sonho está cada dia mais se tornando realidade, pois no mundo, milhares de cooperativas solidárias se organizam, sejam de catadoras e catadores, de campesinas e campesinos, de trabalhadoras e trabalhadores autogestionários. Nossos movimentos sociais criticam a política, a economia capitalista, as relações sociais, e mais do que apenas criticar, propõem alternativas para a vida com novas formas de agricultura baseada no cuidado da natureza, com relações sociais de produção baseadas na solidariedade. E de onde vêm essas aspirações, propostas, mudanças? Pois bem, boa parte vem da educação popular.

Deixa-me apresentar para você saber um pouco sobre mim, sou Alexandro Cardoso, mas as pessoas que me conhecem, chamam-me de Alex ou Alexcatador, a minha história é marcada por duas distintas (in)felicidades, por ser comum e incomum a milhares de brasileiras/os iguais a mim. Atenção para esta palavra (in)felicidade, pois ela permeia a minha vida, ou seja, é um constructo daquilo que sou e luto

para ser.



Imagem 1 - Alexandre Cardoso realizando a coleta seletiva solidária pelas ruas de Porto Alegre. (Arquivo pessoal, 2004)

Sou a terceira geração de catador na minha família, minha avó e mãe, sempre trabalharam na reciclagem para viver, e eu, desde criança tive que trabalhar também, pois na minha infância, bem como na infância delas, assim que pudéssemos contribuir para o sustento da família, não importava a idade e tamanho, nós tínhamos que contribuir, para diminuir o sofrimento causado pela fome, sendo que cada boca, precisava ser alimentada e dependia do trabalho e das contribuições coletivas.

Logo que pude, comecei a contribuir, a trabalhar. Veja bem, trabalhar diariamente para sobreviver, não estou dizendo que fui ao escritório do meu pai branco e rico uma vez na semana quando adolescente para entregar alguns documentos, nem que ganhei dinheiro por cortar a grama do vizinho no final de semana ou vendi

rifas para custear minhas férias na praia, na minha casa de verão ou aquele passeio em Disney, estou falando que tive que trabalhar diariamente com a reciclagem para viver e mesmo assim, ainda convivíamos - eu e minha família - com a malvada fome.

Carolina Maria de Jesus, catadora como eu, moradora da favela do Canindé, Zona Sul de São Paulo/SP nos anos 1950, escreveu em uma das literaturas brasileiras mais lidas no mundo, chamada Quarto dos Despejos, onde ela discorre sobre a vida como catadora e o embate com sua principal inimiga e professora: "A fome é uma grande professora" (Jesus, 1960, p.29).

Com o trabalho, chegou também à responsabilidade, aquilo que chamamos de adultização da criança ou adolescente, quando se torna adulto precocemente. Trabalhando, tendo responsabilidades e assumindo os direitos como adultos, só que com "cabeça" de adolescente. Aos 16 anos, eu contribuía fortemente no sustento da casa, junto com a contribuição, vinha a liberdade de ser adulto, mesmo ainda sendo adolescente, tornando-me pai, algo já esperado na minha família e comunidade, pois isso era tão comum na comunidade onde eu vivia.

De imediato parei de estudar, aquilo que ocorre com quase todo mundo na vila, ainda na quinta série do ensino fundamental, jogando-me inteiramente para o trabalho e para a vida adulta. A escola não é feita para estudantes com meu perfil, ela é toda regrada e essas regras não incluem a totalidade dos estudantes, os quais viram apenas estatísticas de abandono escolar.

Por isso, na verdade não parei, a escola que não me acolheu enquanto um jovem pai e trabalhador, tratando-me como só mais um a entrar nesta estatística de abandono dos bancos escolares, algo muito comum, pois INFELIZMENTE a maioria dos iguais a mim, bem como as/os catadoras/es e uma parte significativa da sociedade, tem baixa

escolaridade, pois são obrigados desde muito cedo - jovens - a lutarem pela sobrevivência.

Pois bem, a baixa escolaridade é usada como principal motivo para a exploração econômica e social, e juntamente vem a exclusão social e econômica, marcada profundamente por falta de direitos. Além de não ter acesso, permanência na sala de aula, estas pessoas ainda têm seus futuros marcados pela falta de direitos.

Uma ideia base, como princípio de exclusão é a falta de estudos formais, vem do que se tornou um dito popular, um mito - passado de geração em geração, "se tivesse estudado", como se estudar fosse algo que dependesse apenas da vontade. Por exemplo, neste momento que escrevo, as escolas estaduais do estado de São Paulo, acabam de ser privatizadas por uma empresa que até então, era gestora de cemitérios, infelizmente um "meme" que já vem pronto!

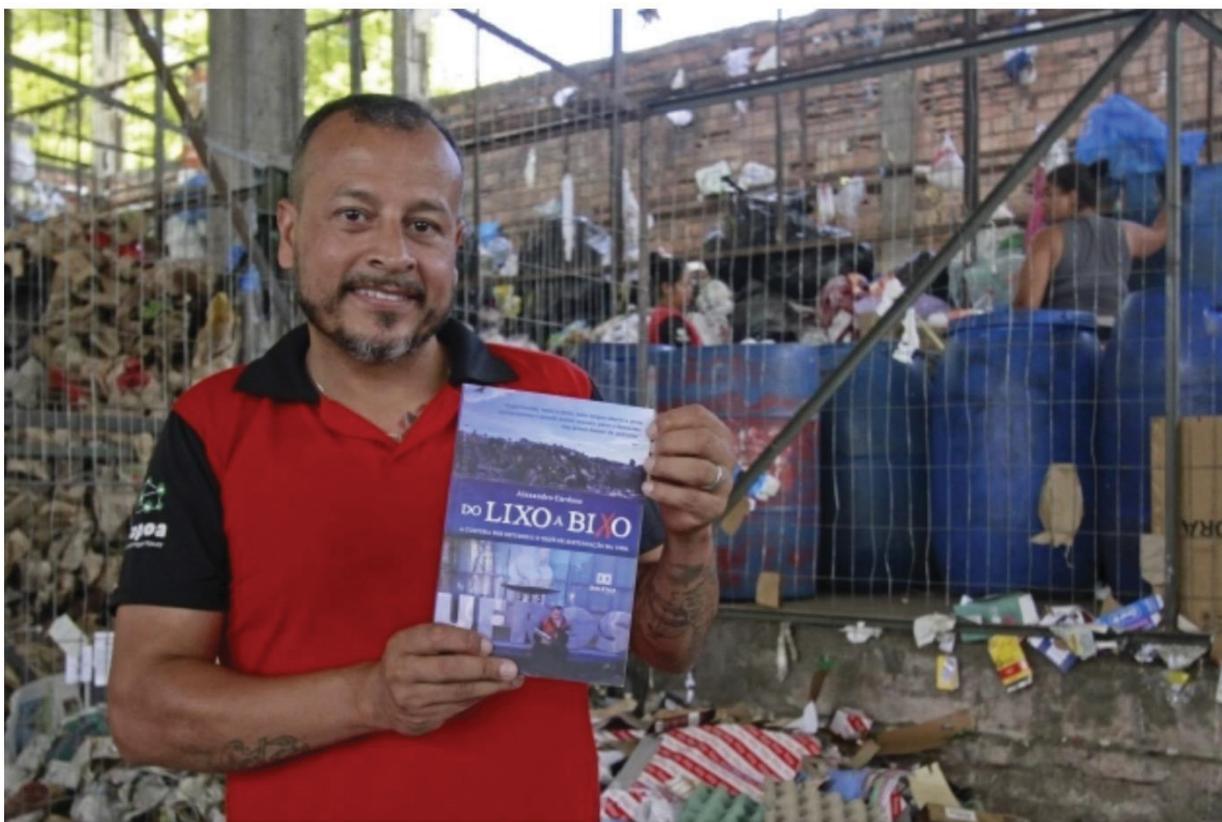
Pensem num estudante cansado, com a barriga vazia e com risco de vida, qual seria a sua situação em sala de aula, sua atenção, disposição, partilha com seus colegas? Pois bem, este estudante tem altíssima probabilidade de ser pobre em variadas dimensões, conforme a Organização das Nações Unidas (2024), "pelo menos 1,1 bilhão de pessoas em 112 países são consideradas multidimensionalmente pobres em novo relatório apoiado pelas Nações Unidas".

A ONU (2024) ainda informa que metade desta população, ou seja, "584 milhões de pessoas, ou mais da metade do total de pobres são crianças menores de 18 anos." sendo que no "Brasil tem uma proporção de 3,8% de pobres em vários campos e 3,5% vivem abaixo do limiar da pobreza".

Logo, infelizmente estudar com condições ideais, tendo o estudante minimamente uma casa, um local de estudos, uma escola com professoras e professores, equipamentos, laboratórios, enfim, uma estrutura mínima, são ainda muito longe da nossa realidade global.

Infelizmente, a forma em que a educação é tratada, contribui para que ela acabe sendo uma das bases da formação deste mundo que vivemos, mas que com todas nossas forças e energias, queremos "cambiar".

*Eu acabei escrevendo um livro, chamado *Do lixo a bixo*, onde discuto estritamente sobre minha biografia de vida como catador de materiais recicláveis desde a infância, um trabalho altamente precarizado, o qual foi um dos fatores a retirar-me, na juventude, dos bancos escolares. A palavra *Do lixo* é a catação, o meio, o trabalho e a precarização da (minha) vida, enquanto que *Bixo*, é a marca do meu retorno aos estudos quando adulto, conseguindo ingressar na universidade.*



*Imagem 2 - Alexandro Cardoso apresentando livro *Do Lixo a Bixo* (arquivo pessoal, 2022)*

Pois bem, vou discutir sobre meu trabalho, não estritamente da forma manual, como se imagina o trabalho de um catador, puxando carrinho, separando recicláveis, mas da forma que entendo, ser a melhor para contribuir com a minha categoria, através da formação e

organização social, enquanto claro, educador social.

Assim sendo, contribui na organização de muitas cooperativas, na organização e na formação de lideranças do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) e até mesmo na Aliança Internacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (IAWP) sigla em inglês de International Alliance Waste Pickers, onde aprendi e compartilhei muitos conhecimentos, principalmente sobre nossa condição econômica e social e a consciência de que somos pobres porque somos rejeitados do direito.

A consciência aqui, refere-se à condição do olhar para a realidade, construída por um passado de sangue e violência, mas acima de tudo, de resistência de nossos antepassados, os quais relegam a nós a identidade, não apenas de trabalhador, mas que formador de identidade coletiva, de organizador de sonhos e vitórias, e construtor da realidade que queremos mudar.

Aprendi muito e também compartilhei conhecimentos e experiências sobre a organização social de pessoas, sobre a vida, desde onde ela é vivida, seja num lixão em Manágua no Panamá ou em Belém do Pará no Brasil, no salão nobre da Organização Internacional do Trabalho (OIT) em Genebra na Suíça, na Organização das Nações Unidas (ONU) em Nairóbi no Quênia, no Palácio do Planalto reunido com presidente da república e ministros, bem como em salas de aulas e outros ambientes de aprendizados.



Imagem 3 - Alexandro Cardoso em Nairobi/Quênia, frente da marca da ONU (Arquivo pessoal, 2019)

Passei a compreender que para melhorar a condição social, o caminho para a organização social, a conquista de direitos é principalmente pela educação – a elevação e partilha de conhecimentos, passa pela educação, tanto a formal - que ocorre em espaços formais e tradicionais de ensino - nas escolas, universidades e eventos acadêmicos, quanto a educação alternativa, que acontece em todo lugar.

Assim sendo, retornei aos estudos, depois de duas décadas longe dos bancos escolares, na altura dos meus 34 anos de idade, há exatos 10 anos atrás da escrita desta carta, através da Educação de Jovens e Adultos (EJA), começando na quinta série do ensino fundamental, sentando lado a lado, principalmente com adolescentes que não deram certo na escola na modalidade convencional de estudos. A imagem a seguir, mostra minha publicação no Facebook anunciando a conclusão do ensino fundamental.

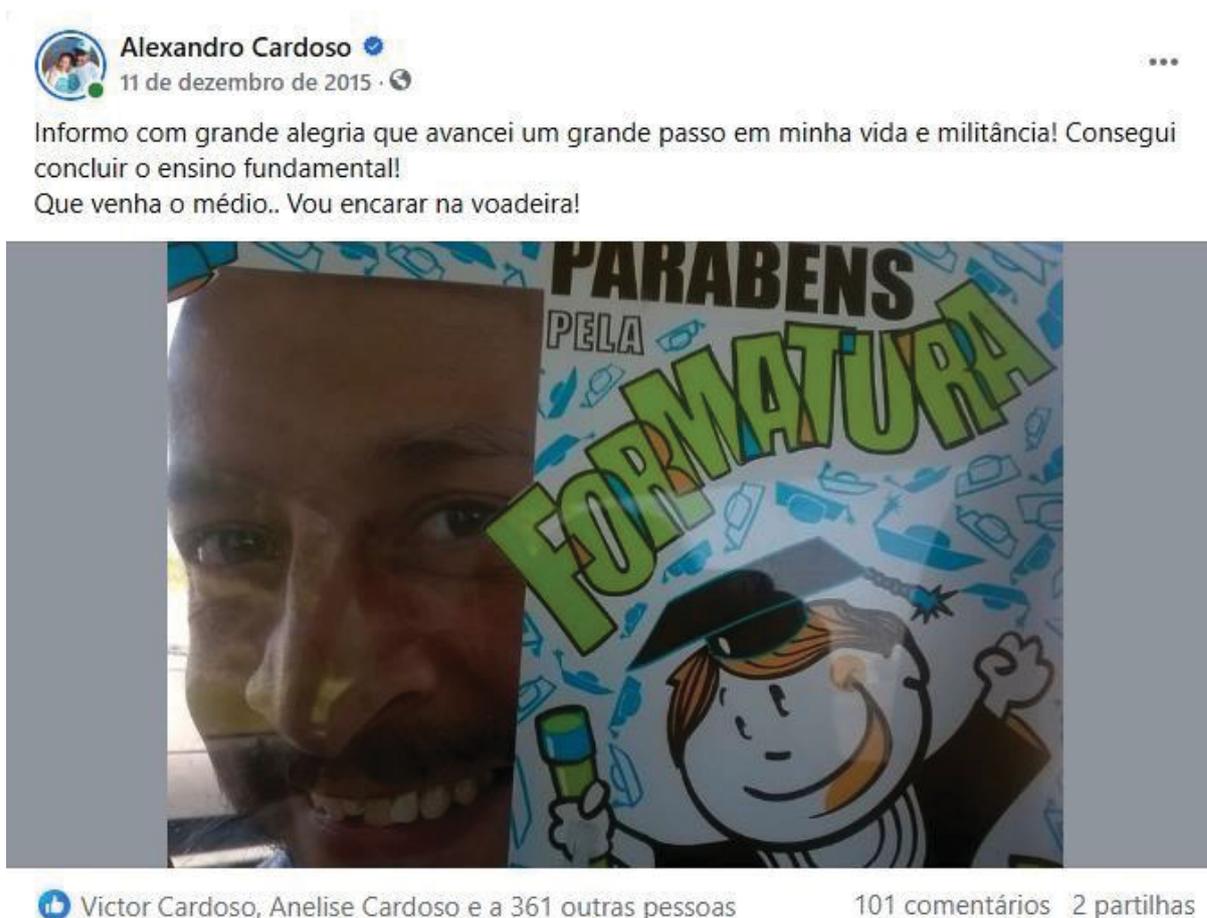


Imagem 4 - Print da página Facebook de Alexandro Cardoso, anunciando a conclusão do ensino fundamental (Facebook Alexandro Cardoso, 2015)

Dois anos depois, estava com meus filhos, ocupando a escola como estudante secundarista, na defesa da educação pública de qualidade e contra a privatização, enturmação e cortes de recursos para a educação, projeto do governador do estado e seus partidos aliados. Vejam bem, quem deveria zelar, proteger e ampliar a educação, é por muitas vezes o pior inimigo, o vilão da educação, por isso afirmo, nem todos os partidos são iguais e muito menos os políticos.

Em 2018, 4 anos depois do retorno aos estudos, através das cotas sociais, ingressei na graduação em ciências sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), defendi o meu trabalho de conclusão de curso dentro do galpão da cooperativa de catadoras/es, tendo além da banca, as catadoras e catadores como principais avaliadores de meu trabalho. Minha pesquisa se baseou na identidade

das catadoras e catadores, os quais ressignificam os resíduos, com o título O Eu Catador Ressignificando Resíduos.



Imagem 5 - Alexandro Cardoso em frente da marca UFRGS (Arquivo pessoal, 2019)

Ingressei no mestrado em antropologia social em 2022, aliás, quando estava defendendo meu trabalho de conclusão da graduação, o meu ingresso no mestrado já estava garantido, através de provas, entrevistas, apresentação de projeto de pesquisa, seguindo o rito de estudantes que concorrem às vagas na pós-graduação.

Acabei defendendo minha dissertação para catadoras/es de todo o Brasil, no Estádio Mané Garrincha em Brasília. A pesquisa foi sobre a organização social das catadoras e catadores, desde o local até o internacional. O título da minha dissertação de mestrado foi Organizações de Catadoras e Catadores de Materiais Recicláveis: Dos

Coletivos Locais às Mobilizações Internacionais.

Desta vez tive a honra de receber das mãos do presidente da república, Luiz Inácio Lula da Silva, o Lula, o certificado simbólico de primeiro catador mestre do Brasil, sendo como INFELICIDADE, ser o único e não ser normal à minha categoria receber esta honraria - não me refiro a receber das mãos do presidente, mas sim a catadoras e catadores, com a minha história de jovem trabalhador, acessarem a graduação e a pós graduação nas universidades.



Imagem 6 - Alexandre Cardoso recebendo certificado de mestre do Presidente Lula (Ricardo Stuckert, 2022)

Atualmente estou no programa de pós-graduação em antropologia social, agora doutorando, desejando apresentar minha tese, com defesa prevista para daqui três anos, em 2027, de maneira tão espetacular quanto penso ser (minha) a vida, assim é, saindo literalmente do lixo, para tornar-se doutor na universidade federal. Entretanto os objetivos de fortalecer minha categoria, não apenas em avançar sozinho, o que seria muito mais fácil, sendo a nossa sociedade baseada também na meritocracia permanecem firmes.

Cada vez que alguém escuta essa história, apresenta-me uma ideia de como eu - apenas eu - posso alcançar algum posto, ocupar um lugar, avançar socialmente e ascender economicamente, por ter uma trajetória como essa, entretanto, compreendo que minhas maiores contribuições são para as catadoras e catadores. Até o momento sou catador de materiais recicláveis.

O trabalho de reciclagem de resíduos é tão importante quanto desvalorizado, pois fizemos 90% do trabalho da cadeia produtiva, mas só recebemos 10% dos valores, por isso que só a venda dos materiais recicláveis, não pagam as contas, sendo este o principal motivo de sermos tão pobres. Sabe, os resíduos só passam a ter valor, quando passam por nossas mãos, sem nós, eles são "lixo", os quais geram prejuízos econômicos e principalmente ambientais, sendo estes, os mais impactantes, pois afetam tudo no planeta e ainda, de maneira desigual, pois quem geralmente gera mais resíduos, são os ricos, mas quem mais sofre com eles, são os pobres.

Há todo um trabalho não pago que fizemos, tendo a sociedade uma dívida histórica com nossa categoria. Você mesmo, pense, o que faria com seus resíduos recicláveis se não tivessem as catadoras e catadores reciclando? Iria acumular na sua casa? Iria você mesmo reciclar ou pagaria alguém para fazer isso? Provavelmente essa seria sua alternativa, pagar alguém para reciclar. Pergunto-me, então porque você não paga agora se não é você quem recicla?

Lembre-se que de cada 10 garrafas recicladas, 9 passaram pelas nossas mãos. É por isso também essa carta, para que você saiba que tem responsabilidade sobre isso, pois você também é um gerador de resíduos e tem que saber e lutar pelos direitos de quem recicla, ou seja, das/os catadoras/es. Não podemos esquecer jamais que esta luta é polivalente, pois significa várias pautas - sociais, ambientais e econômicas.

Compreende que o nível de exclusão é tão grande, que nos joga

muitas vezes para a invisibilidade, quando apesar de sermos importantes, somos invariavelmente esquecidos, não vistos. Pense, a pessoa quer defender a Amazônia, lutou contra os crimes ambientais de Brumadinho e Mariana (cidades mineiras devastadas pelos crimes ambientais das empresas mineradoras Vale, BHP e Samarco), deseja que tenhamos água potável, luta por uma economia solidária, pela igualdade racial e contra o patriarcado, sem saber que a reciclagem implica tudo isso.

Para você saber um pouquinho mais sobre a importância da reciclagem sob os aspectos ambientais. Saiba que a reciclagem de resíduos economiza os recursos naturais, tomando exemplo os papéis em que cada tonelada reciclada, economiza 24 árvores adultas que consomem 40 litros de água diariamente por no mínimo 8 anos. Sabe aquelas florestas verdes, que de verde só tem a cor, pois ela é uma monocultura, que destrói a terra, que não gera alimentos para humanos nem para os não humanos, aquelas que geram somente papel, destruição, morte e lucro, pois é, reciclando papel, você combate diretamente estas "florestas".

O plástico é derivado do petróleo, principal base de combustíveis fósseis. Além de ser o recurso finito base energética do mundo, costumam dizer que é o combustível da guerra, pois se antes da segunda guerra mundial, a disputa era por territórios e recursos, atualmente a guerra é por petróleo, pois é o combustível que alimenta o sistema capitalista, os bancos, as instituições controladoras do Estado. Estes resíduos, são altamente poluentes, pois são leves, boiam na água e suas partículas parecem muito com o alimentos para os animais marinhos; os nossos oceanos estão cheios de plásticos e os peixes os comem, e você come peixe, assim, está também comendo plásticos. Quer parar de comer plásticos e não poluir os oceanos, recicle!

Sobre os metais, estes vêm dos minérios principalmente

encontrados na terra. Imaginem, são as montanhas que são derrubadas, escavadas, lavadas, em busca de separação da terra, pedras e os minérios. São montanhas, com árvores, animais e toda sua diversidade, sendo reduzidas a pó. O resultado disso, por um lado são lodos e lagoas de metais pesados - duas delas romperam-se nestes últimos 10 anos, arrasando cidades inteiras e por outro, os minérios, sendo 90% exportados para outros países, ou seja, ficamos sem as montanhas, nem o dinheiro gerado por isso, mas ficamos com os prejuízos ambientais.

Se eu não o convenci até agora a reciclar, o problema com certeza não sou eu, nem tampouco o estado, as empresas. O problema é você! Mas sabe, eu não desisto, pois quero realmente resolver este problema, então, apresentarei mais argumentos, os quais, espero que lhe convença, não somente a reciclar, mas a lutar também por isso.

Somos 75% da categoria formada por mulheres, aqui percebemos o sistema do patriarcado, o qual relega às mulheres os trabalhos mais precários, árduos e menos pagos, não fugindo à regra das mulheres estarem em espaços de cuidados, pois a reciclagem cuida, exponencialmente, da natureza.

Quero dizer que não há beleza nisso, pois muitas vezes a reciclagem é romantizada, preste atenção, me refiro a um trabalho pesado, precário, de longas jornadas de trabalho, mas que paga menos de um salário mínimo.

Estamos quase obrigados a reciclar desta maneira, mas resistimos e buscamos contribuir na formação de pessoas, para que compreendam que reciclar é uma ação que beneficia muito o coletivo, logo, deve ser uma luta também coletiva, não somente de nós, catadoras e catadores.

Somos também formados por 80% pessoas não brancas, ou seja, o Brasil racista se manifesta a partir do descarte de resíduos, deixando

peessoas como eu, um homem não branco, com trabalho sem valor econômico. Quando mais se sobre na cadeia produtiva, mais branca vai ficando. Não tenho dados de quantas mulheres ou homens negros são donos de indústrias recicladoras, mas aposto que são números insignificantes, pois os homens brancos, devem dominar... Hora, se fossem mulheres negras as empresárias da reciclagem, o sistema com certeza seria outro!

Por conta de tudo isso, figuramos como uma das principais categorias presentes no contexto de exclusão social e falta de direitos, estamos em boa parte com insegurança alimentar, muitos de nós dormem nas ruas, sem um teto para descansar embaixo, nossos filhos por vezes tem que estar conosco no trabalho por não ter com quem deixar, e muitos, acabam adotando este trabalho, e com isso, sendo abandonados pela educação formal, tornando-se como eu fui, até meus 34 anos, um semianalfabeto.

O trabalho não dignifica a mulher e o homem, o que dignifica é o valor recebido por este trabalho, pois o homem escravo também tinha trabalho. Atualmente somos escravos da modernidade, com requintes deste passado, pois sem tecnologias, ainda puxamos carroças, ainda vivemos com a fome, sem direitos.

Mesmo diante de tudo isso, nos organizamos em associações e cooperativas solidárias, onde partilhamos o trabalho, a gestão e as receitas conquistadas, incluímos pessoas que não concorrem pelos empregos formais, sendo por muitas vezes a única alternativa para as pessoas continuarem a viver.

Se você se sente afetado e tocado por tudo isso, por favor, nos ajude a ajudar a todos nós e ao planeta, separe adequadamente seus resíduos, destine a uma catadora, pague pelos seus serviços – 10 reais para você, pode não fazer nenhuma falta, mas para uma catadora, fará toda a diferença, podendo significar o dobro da renda neste dia.

Incorpore em sua luta a reciclagem e pressione a sua prefeitura para contratar as catadoras, pagando adequadamente pelos serviços que prestamos.

Se você aprendeu alguma coisa desta mensagem, compartilhe estes conhecimentos, faça da partilha de conhecimentos, parte da sua vida, seja educadora, educador social. Acho que meus objetivos estão claros e diretos nesta carta a você. Obrigado por proporcionar que eu escreva para você, obrigado por ler e compartilhar. Para responder essa carta, me siga no Instagram.

Vida longa e cheia de alegrias a você que sentiu ao ler, a mesma energia que senti ao escrever – a sinergia da transformação.

@alexcatador.

DE CATADOR PARA CATADOR - VIVENCIANDO A EDUCAÇÃO POPULAR

A leitura densa é maçante para quem precisa, antes de mais nada, descansar de longas jornadas de trabalho, como é o caso da maioria da população, mas escrever é tão importante, pois a escrita pode atravessar gerações, sendo uma importante transmissão de conhecimentos. Para facilitar nossa leitura e compreensão, introduzi muitas imagens.

Antes de dar início ao relato desta vivência, preciso informar o que significa “De catador para catador”, que é uma **metodologia de formação** conduzida por educadoras e educadores catadores. Existe entre estes, um nível de sensibilidade e conexão entre iguais, que falam a mesma linguagem, conhecendo profundamente seus conceitos, muitos dos quais são intimamente internos - da vivência do dia a dia - vividos por aqueles que sentem a vida e seus problemas quase da mesma maneira, como uma grande família, que comem juntos na mesma panela. Logo a **conexão, a confiança e a linguagem** são as bases da formação e capacitação entre iguais de catador para catador”.

Esta metodologia é complexa, criada pelo Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, considerando a formação profissional enquanto catador de materiais recicláveis, de convivência na cooperativa e na sociedade

enquanto sujeito dotado de princípios e direitos, com objetivos de construir uma outra sociedade a partir da solidariedade, da conquista de direitos, deixando de ser um ser excluído, da tomada de consciência que leva a agir politicamente na sociedade com protagonismo que vai desde o acesso à rua, a ocupação de espaços de decisão e poder até as marchas e mobilizações de rua, seja pela educação ambiental, seja em defesa da democracia ou pela garantia de direitos.

Consideramos que uma das ferramentas de luta criada pelo MNCR é a formação profissional e política das bases (grupos) que compõe o movimento. Esta formação se dá em dois aspectos, geral e específico. A relação do MNCR com a formação dos catadores se dá de forma geral por meio da participação do movimento e seus militantes nos encontros regionais e nacionais, nas reuniões de mobilização, nas ocupações, marchas, protestos e na construção de políticas públicas. E se dá de forma específica, quando o MNCR cria suas ferramentas de comunicação e formação como, por exemplo, os boletins, cartilhas e vídeos, e quando passa a desenvolver seu próprio método de formação, que o movimento chama de “De Catador para Catador”. (ALVES, 2016, p.23)

A complexidade exige de seja uma formação de iguais, os quais sentem os mesmos efeitos, vivem com as mesmas amarras e exclusão social, sejam causadas pela baixa dos preços dos materiais recicláveis, desvalorização da categoria frente à sociedade, principalmente o estado e instituições, bem como frente a exclusão social, a qual podemos afirmar, inicia-se pela privação de acesso ao direito. Uma pedagogia de formação alternativa, a própria educação popular, encarnada nos saberes coletivos, com experiências de trocas que mudam vidas.

Ao longo do texto, imagens das várias formações realizadas nas organizações de catadoras e catadores do Estado do Rio Grande do Sul. As imagens terão legendas com o nome da organização e a cidade de sua localização.



Imagem 7 - Educação Popular com cooperados da Cooperativa Ecos do Verde - Santo Ângelo/RS (Arquivo pessoal, 2024)

A educação popular é uma forma de educar baseada nos saberes ancestrais, territoriais e filosóficos, uma educação bem posicionada a qual busca a liberdade, a garantia de direitos e o avanço social e econômico dos educandos. A

educação popular não é uma pedagógica recorta-e-cola, é própria para aquele conjunto formado por educadoras, educadores e educandos. A palavra educação já tem sua complexidade. Nas palavras de Gadotti (2012):

“A educação é um fenômeno complexo, composto por um grande número de correntes, vertentes, tendências e concepções, enraizadas em culturas e filosofias diversas. Como toda educação é política, como nos ensinou Paulo Freire, ela não é neutra, pois, necessariamente, implica princípios e valores que configuram uma certa visão de mundo e de sociedade. Daí existirem muitas concepções e práticas da educação. Não dá para falar de uma educação em geral, separando-a de seu contexto histórico. É preciso qualificar de que educação estamos falando, a partir de que ponto de vista. E como todo ponto de vista é a vista de um ponto, precisamos indicar de que lugar, de que território, estamos falando. Toda educação é necessariamente situada historicamente.” (Gadotti, 2013, p.01)

Quando esta recebe o conceito de popular, significa que além de ser educação, ela é proposta de forma engajada, com propósitos não apenas de educar, mas capacitar - ampliar a capacidade de educandos e educadores - para solução de problemas abordados, portanto a educação popular não é neutra, é extremamente posicionada ao lado dos oprimidos, dos injustiçados, das trabalhadoras e trabalhadores, de seus territórios e comunidades, da organização social, sendo base para o avanço social.



Imagem 8 - Educação popular com cooperados da Cooperativa Coorlas - Canoas/RS (Arquivo pessoal, 2024)

Vamos tratar aqui da vivência - a vida com a experiência, sobre o processo de formação que realizamos eu e minha companheira, Lidiane Jaques, por seis meses, visitando associações e cooperativas de catadoras e catadores em várias cidades do Rio Grande do Sul, numa parceria com a Deputada Federal Fernanda Melchionna através de uma emenda parlamentar.

Os recursos utilizados são provenientes de uma parceria contratual entre a Secretaria Nacional de Economia Popular e Solidária (SENAES) sediada no Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), e o Centro de Solidariedade, Apoio Mútuo e Meio

Ambiente (Centro Sama) entidade que atua como braço institucional das catadoras e catadores do Rio Grande do Sul, incluindo catadoras e catadores como gestores.



Imagem 9 - Educação popular com cooperados da Cooperativa Recibela - Passo Fundo/RS (Arquivo pessoal, 2024)

Definir metas de ação é fundamental, pois é aqui que podemos estabelecer qual território, cidades e cooperativas, bem como a quantidade a ser atendida, pois é necessário estabelecer os custos para a realização das formações. Por exemplo, se a oficina ocorrer na cidade dos educadores, o custo de transporte vai ser baixo em relação a esta mesma formação ocorrer em outra cidade, bem como pensar a alimentação dos educadores, hospedagem paga ou solidária, renda pelo trabalho desenvolvido e outros custos.

Definir etapas, é como planejar quais passos e quais atividades ocorrerão primeiro, uma sequência, e claro, um plano de mobilização para contatos das coordenações das cooperativas, agenda para que todas e todos os catadores possam participar, relatórios contendo informações sobre a formação, inclusive com fotos, para que possa servir, além da prestação contas, num projeto institucional, também como base para informações para a equipe educadora e claro, o MNCR para novas estratégias e ações.

Foram visitadas 23 cidades gaúchas, atendendo diretamente 40 organizações de catadoras e catadores. Além do encontro e compartilhamento, houve a realização de um diagnóstico que aponta as principais dificuldades de cada grupo. Os principais pontos de dificuldades e desafios são:

- Contratos precários, sem pagamento pelos serviços prestados;
- Muitos equipamentos deteriorados, quebrados ou sem funcionamento;
- Baixa renda, o diagnóstico apontou uma renda média de 800 reais, sendo que há grupos que recebem 400 reais e outros que recebem quase 2 mil reais mensais.

A formação sempre ocorre(u) em forma de roda de conversa, e utilizamos um PowerPoint, conforme imagens compartilhadas na sequência deste trabalho, como auxílio, pois algumas catadoras e catadores não sabem ler, e claro, as imagens contribuem com a explicação do que está sendo discutido. Trabalhamos uma formação geral, ou seja, o mesmo conteúdo, aplicado em todos os grupos participantes.

Abaixo apresentarei os slides e a discussão em torno de cada um, sendo que estes serviam apenas de porta de abertura para o debate, que duravam cerca de 2 a três horas, dependendo do tamanho e da participação do grupo.



Imagem 10 – Apresentação do nome do projeto (Arquivo pessoal, 2024)



O que é o Centro Sama?

É uma entidade jurídica de apoio às Catadoras e Catadores de materiais recicláveis, sendo o braço institucional do MNCR.

O Centro Sama é coordenado por catadoras e catadores e é a entidade que coordena nossos projetos.

Imagem 11 - Apresentação da entidade executora, braço institucional do MNCR no estado do Rio Grande do Sul, coordenada por catadoras e catadores. (Arquivo pessoal, 2024)

Qual a importância do Diagnóstico?

- informações da situação em que estamos
- informações para planejamento
- informações para projetos
- fortalecimento da organização



Imagem 12 –Importância do Diagnóstico (Arquivo pessoal, 2024)

Início das discussões em torno da importância da realização de diagnóstico, o qual serve como base para informações para sabermos a situação em que estamos, bem como para levantamento de informações para nosso planejamento estratégico enquanto movimento social, além claro, de levantarmos as informações para subsidiar os projetos sociais de apoio a cada organização, com objetivo de fortalecer a organização, bem como o movimento como um todo.

Bandeira do MNCR

- O verde e o azul significa a natureza, mata, águas, o ar
- o amarelo é a nossa maior riqueza, somos todas e todos abraçando o Brasil
- O vermelho é a catadora, o catador com o carrinho, que significa nossa ferramenta de trabalho, como o caminhão, a carroça



Imagem 13 – Bandeira do MNCR. (Arquivo Pessoal, 2024)

A bandeira do MNCR é o principal símbolo da constituição da identidade coletiva, a partir da bandeira, há um reconhecimento de pertença, base da identidade comum, uns aos outros. Para muitos catadores, é a primeira vez que tem acesso à informação do significado de cada parte que constitui a bandeira, a qual se inicia com a discussão sobre a organização histórica do MNCR.

Apresentando a bandeira e simbologia, criando e fortalecendo cada uma e cada um enquanto categoria organizada e representada politicamente. A bandeira verde significa a natureza e a proteção que garantimos com a reciclagem, o amarelo significa riqueza, sendo que na bandeira ele é representado por milhares de catadoras e catadores que abraçam o Brasil, sendo então as catadoras e catadores a maior riqueza do movimento. O vermelho é o símbolo do catador, com seu carrinho.



Imagem 14 - A história de organização do MNCR. (Arquivo pessoal, 2024)

O MNCR teve sua fundação em Brasília, imediatamente após o primeiro congresso nacional, ocorrido entre os dias 04, 05 e 06 de junho de 2001, tendo sua fundação na 1ª Marcha Nacional de Catadores e População de Rua, com a participação de 5 mil pessoas, no dia 07 de junho de 2001. Por este motivo, este dia é considerado o dia nacional das catadoras e catadores.

Após a organização do MNCR, intensificaram as discussões sobre políticas de resíduos nos municípios, criando estruturas com os Fóruns Estaduais Lixo e Cidadania, que reuniam catadoras, catadores e membros da sociedade civil, empresarial e governamental.

Estas discussões potencializaram a criação de políticas públicas de resíduos nos estados e municípios. Tivemos ainda em 2002, o reconhecimento da profissão enquanto catadoras e catadores de materiais recicláveis. Em 2003 entregamos uma carta ao presidente Lula, bem como organizamos o primeiro congresso latino americano com a presença de 700 catadoras de 13 países da América Latina.



Imagem 15 - Cartaz do segundo congresso Latino Americano de Catadores ocorrido em São Leopoldo/RS (Arquivo Pessoal, 2024)



Imagem 16 - Cartaz da marcha nacional realizada em 2006. (Arquivo pessoal, 2024)

Este encontro reuniu mil lideranças do MNCR em Brasília, fez parte do projeto de formação nacional que contou com a participação de 40 mil catadores do Brasil. No final do encontro, organizamos uma marcha nacional e fomos recebidos pelo presidente Lula, no palácio do Planalto. Na discussão sobre a construção de uma política nacional de resíduos sólidos, permeava a luta pelo reconhecimento e a

valorização da categoria, eram objetivos centrais da política.

A partir deste encontro, as catadoras e catadores enquanto movimento, passaram a participar da criação de uma política nacional de resíduos sólidos. Esta marcha é considerada a base das discussões da PNRS (Política Nacional de Resíduos Sólidos, Lei 12,305/10), a qual foi aprovada em 2010 e seu decreto de sancionamento, foi assinado num encontro nacional do MNCR, também em 2010.

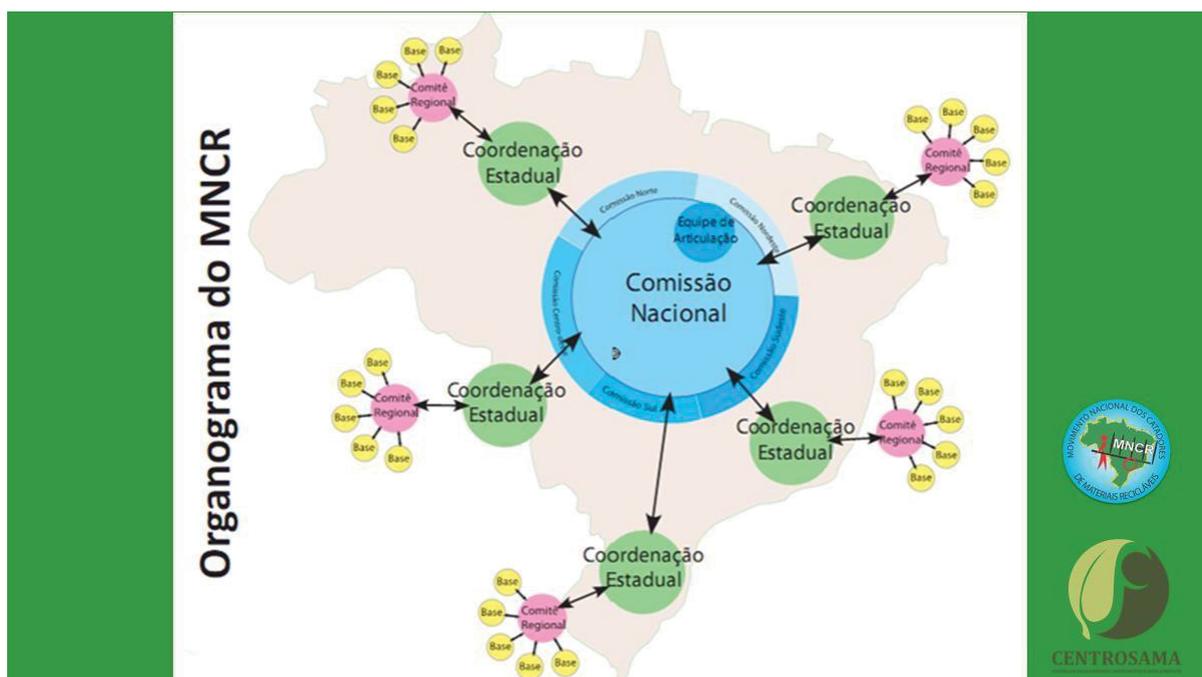


Imagem 17 - Organograma do MNCR. (Arquivo pessoal, 2024)

O organograma do MNCR é o mapa da nossa organização, a qual nasce nas bases orgânicas, representados em amarelo no organograma, sendo que cada base, escolhe dois representantes, uma catadora e um catador, para representar a base no comitê regional, o qual reúne várias organizações de catadores da mesma região ou cidade, o comitê escolhe dois representantes, uma catadora e um catador, para compor a coordenação estadual, e cada coordenação estadual escolhe dois catadores, sendo uma catadora e um catador para compor a comissão nacional. Cada região do país escolhe as catadoras e catadores que serão representantes das regiões do País, esta equipe leva o nome de Articulação Nacional.

O que é autogestão?

Auto-gestão é a prática econômica em que os trabalhadores são os donos das ferramentas e equipamentos de produção.

Autogestão é o modo de organizar o trabalho **sem patrões**, tendo a decisão, o planejamento e a execução sob controle dos próprios **trabalhadores**. Frequentemente os catadores têm lutado pelo a auto-gestão de suas organizações que são administradas por Prefeituras, universidades, ong 's e até empresas.

A luta por autogestão é a luta por garantir que as organizações sejam administradas pelos próprios catadores e regime de cooperação com outras entidades, mas garantindo a total

Imagem 18 –O que é autogestão. (Arquivo pessoal, 2024)



Imagem 19 - Autogestão. (Arquivo pessoal, 2024)

A autogestão é um dos princípios do MNCR, é a partir deste princípio que prezamos que apenas catadoras e catadores sejam parte das coordenações de nossas bases, com técnicos e outros trabalhadores, sendo parte da equipe, estando subordinada às decisões coletivas da categoria. É o princípio que potencializa a categoria enquanto trabalho coletivo autogestionário, não permitindo que sejamos explorados ou mandados por pessoas não catadoras, combatendo a exploração

social e o controle político por terceiros. Aqui quem manda é os catadores!

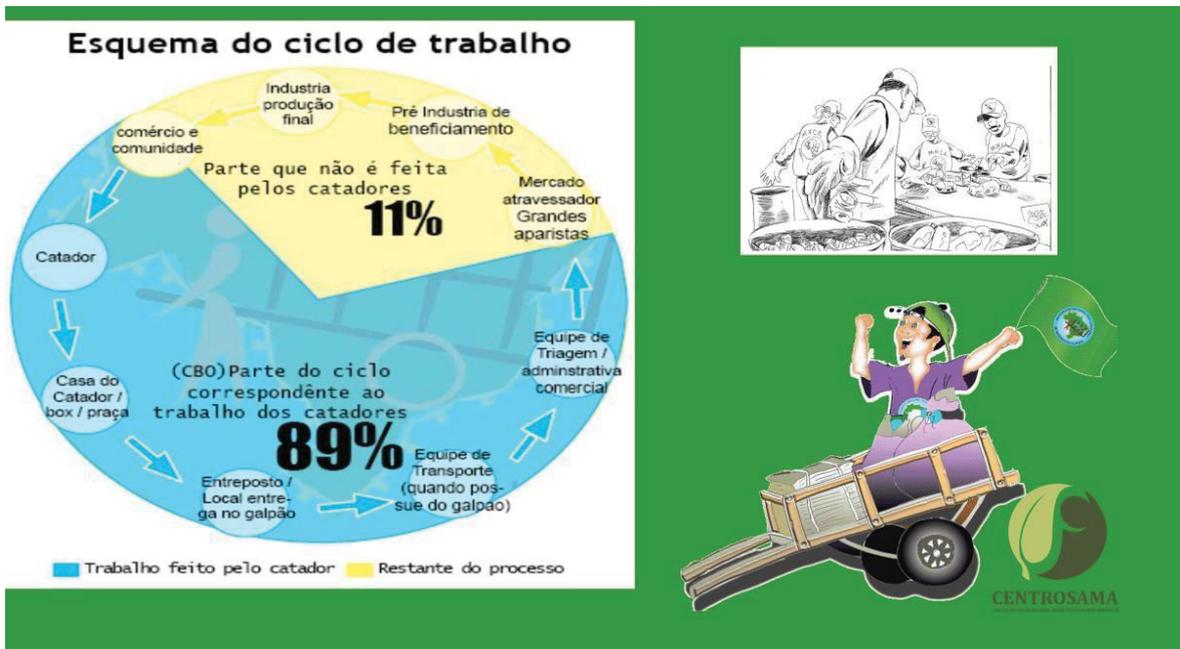


Imagem 20 –Cadeia produtiva da reciclagem (Arquivo pessoal, 2026)

O esquema da cadeia produtiva é fruto de um estudo do MNCR e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, que estudou a distribuição do trabalho e das riquezas na cadeia produtiva da reciclagem, evidenciando a exploração da categoria que realiza quase 90% do trabalho da cadeia produtiva, enquanto fica com aproximadamente apenas 10% das riquezas geradas.



Imagem 21 –Quem realmente luta pela reciclagem. (Arquivo pessoal, 2024)

A discussão sobre quem luta pela reciclagem, desde a luta por contratos, a educação ambiental, a triagem dos materiais recicláveis até a transformação de resíduos em matérias primas, e neste momento, passam a ser comprados pelos atravessadores e indústria, estes não lutam pela reciclagem, nem investem um centavo sequer para elevar os índices de reciclagem, para eles, o importante é apenas comprar os resíduos já como matéria prima pronta para a reciclagem. As catadoras e catadores é que lutam pela reciclagem!

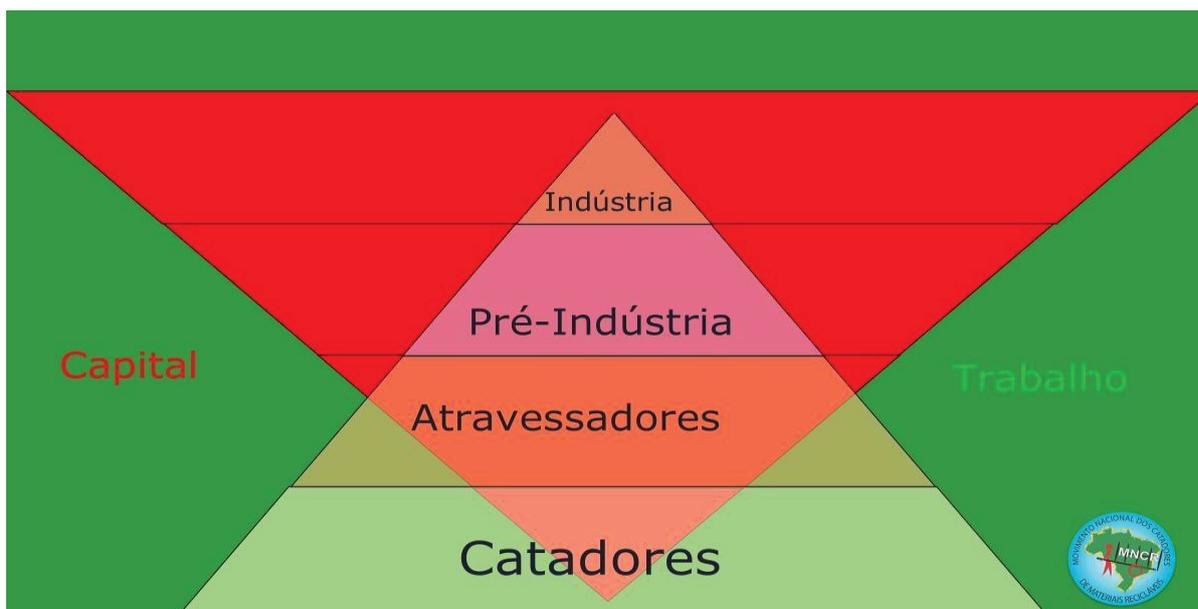


Imagem 22 - Capital versus Trabalho. (Arquivo pessoal, 2024)

Neste esquema, podemos comparar a discrepância entre trabalho e capital, a riqueza gerada por este trabalho. Vemos que a compra da matéria prima reciclável desconsidera completamente o trabalho das catadoras e catadores, que apenas acumulam trabalho, o qual é realizado utilizando como principal força motriz seu próprio corpo, majoritariamente sem o uso de equipamentos de proteção, sem remuneração pelos serviços, enquanto que a indústria, que faz a menor parte do trabalho, usa altas tecnologias para reciclar.

O vermelho na pirâmide que mostra o capital, onde podemos perceber a concentração de riqueza na indústria, pré-indústria e atravessadores. A pirâmide mais clara, demonstra a distribuição/concentração do trabalho empregado na cadeia produtiva dos recicláveis, onde percebemos que as catadoras e catadores são quem mais trabalham, mas são quem menos recebem, por isso que só com a venda dos recicláveis, a conta não fecha.



Imagem 23 - A importância das catadoras e catadores para a sociedade e o meio ambiente. (Arquivo pessoal, 2024)



Imagem 24 –O que é economia solidária? (Arquivo pessoal, 2024)

A discussão sobre os modelos de economia - capitalista e solidário. As cooperativas são bases de outra economia, não são baseadas na produção e no lucro, mas na inclusão social e distribuição das riquezas coletivamente conquistadas.

Cooperativas / Associações
orientadas pelos princípios solidários

- **União de pessoas com a mesma profissão**
- **Trabalham de forma coletiva em regime de autogestão**
- **Organizam-se de modo igualitário e democrático = todos têm direito a voto**
- **Assumem responsabilidades**
- **Partilham resultados**



Imagem 25 - O que é uma associação/cooperativa? (Arquivo pessoal, 2024)

Objetivos da Associação/cooperativa

- **Melhoria da renda**
- **Melhoria da qualidade de vida**
- **Conquista de direitos**



Imagem 26 - Quais são os objetivos da associação/cooperativa? (Arquivo pessoal, 2024)



Imagem 27 - As conquistas das catadoras e catadores. (Arquivo pessoal, 2024)

É importante apresentar além do quadro de lutas, as vitórias que a categoria conquista, seja um encontro de formação, um contrato de prestação de serviços, a aquisição de carrinhos de coleta, a construção de unidades de triagem para nosso trabalho.

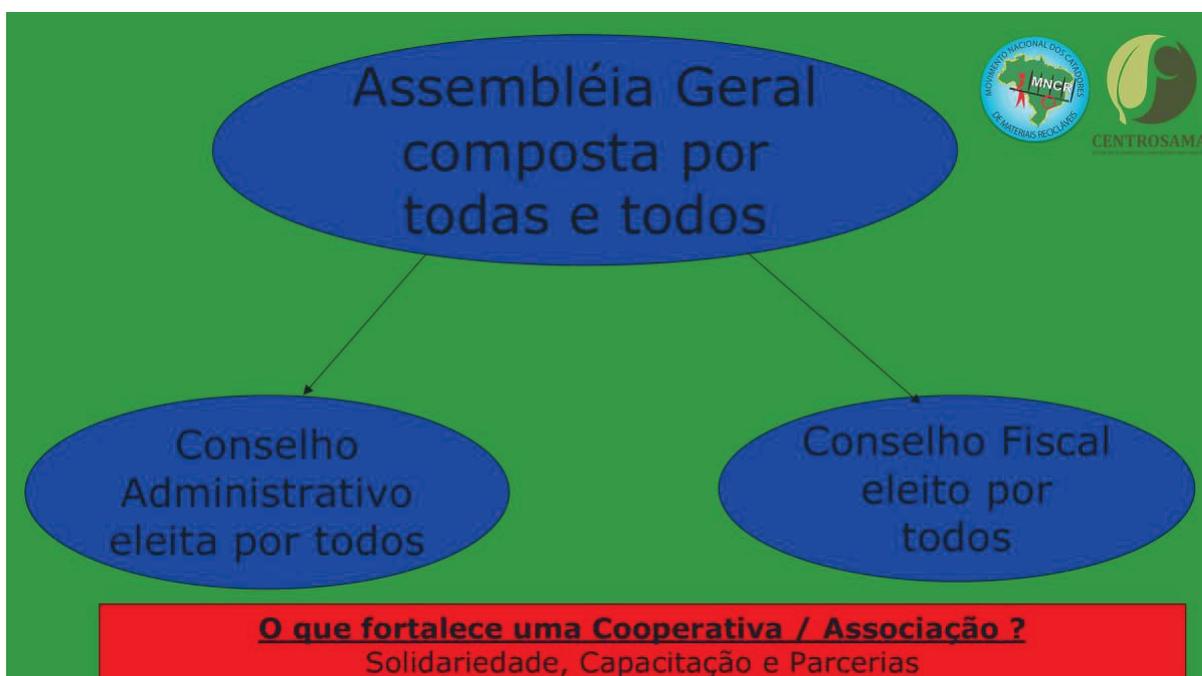


Imagem 28 - O exercício da democracia e da participação. (Arquivo pessoal, 2024)

Mesmo os catadores sendo parte de uma associação ou cooperativa, por vezes não sabem dos seus direitos, quanto a participarem de assembleias, de decidirem coletivamente os rumos da organização, bem como de votar e serem votados para assumirem os cargos de coordenação e administração da cooperativa.

Este é um debate que suscita a ânsia social, caindo muitas vezes para a sociedade, a representatividade que temos fora da cooperativa, partindo da pergunta, quem nos representa, conseguindo compreender os processos de eleições internas e externas, e claro, o quanto é importante a participação e mais do que isso, o protagonismo político.



Imagem 29 - Informações e conjuntura local. (Arquivo pessoal, 2024)

O encontro é finalizado sempre com um debate aberto, onde a categoria é informada das ameaças e avanços, bem como colhe-se as informações que escaparam do diagnóstico – que é aplicado em cada uma das organizações que recebe formação. Este é o momento de falar da educação popular e da educação ambiental, pois ambas formam e capacitam a sociedade para a separação adequada dos resíduos, o apoio e o fortalecimento da categoria, bem como se amplia a pressão por reconhecimento e valorização por parte do poder público.

Como podemos perceber, a educação popular é o coração pulsante da organização social das catadoras e catadores, pois é a partir das trocas de conhecimentos que conseguimos trabalhar e conviver coletivamente, mesmo diante de tantas dificuldades, através da solidariedade e da participação.

Cada cooperativa/associação, por mais distante que seja - uma da outra - tem suas pequenas diferenças e suas grandes similaridades, o que forja uma categoria de iguais economicamente e socialmente, pois atuam em cidades diferentes de maneira muitas vezes igual.

A possibilidade de crescimento coletivo, bem como na solução dos problemas vem em primeiro lugar a partir do olhar e da identificação dos problemas, estes precisam ser visualizados e materializados aos olhos de todos. Talvez uma das maiores bases da formação - da educação popular - seja a construção coletiva do olhar, a identificação, e solução dos problemas comuns a todos, e é desta matéria que se constrói o movimento social.



Imagem 30 - Educação popular na Cooperativa Cooperlomba, Porto Alegre/RS (Arquivo pessoal, 2024)

A formação é a base da organização social coletiva, pois para estarmos juntos, é preciso compartilharmos princípios e objetivos. Como aprendemos e vivenciamos a vida de forma diferente, na formação é quando compartilhamos estes saberes, tornando-os coletivos. Sem formação, somos apenas catadoras e catadores, com a formação, somos um movimento social.

EDUCADOR SOCIAL - A EDUCAÇÃO TRANSFORMA A MULHER/ HOMEM E AMBOS TRANSFORMAM O MUNDO

Estou imensamente feliz em poder escrever, compartilhar e terminar mais uma linda jornada em torno da formação e capacitação do sujeito que busco tornar-me diariamente, um educador social comprometido com o fortalecimento e partilha de conhecimentos, com acesso pleno à vida e suas alegrias de viver, a dignidade humana com a proteção ambiental e a garantia de direitos. Pode parecer muito, mas não desejo menos do que isso na vida de nenhuma pessoa. É isto que busco cultivar sempre no horizonte, como base pedagógica da educadora e do educador social.

Paulo Freire nos faz lembrar, e assim concordo, “o homem como um ser inconcluso, consciente de sua inconclusão, e seu permanente movimento de busca

do ser mais” (FREIRE, 2005, p.83) e claro, eu falo da alegria, pois ela deve ser um dos combustíveis associados à educação, junto com o amor, a empatia e solidariedade, como base das trocas de conhecimentos entre educando e educador, formando um sujeito que amplia e compartilha seus conhecimentos sobre seu mundo - território e comunidades, para contribuir na transformação.

Sabemos, desde a palavra falada de nossos avós, pais e ancestrais, o que se consolidou como um dito popular, e lembro-me perfeitamente de escutar invariáveis vezes: “o conhecimento ninguém lhe tira”, ou ainda, “estude para ser alguém melhor”. Pode ser que você não alcance os voos que deseja com seus estudos, pois este voar, não depende somente de você, refiro-me por exemplo que formar-se como professor, por si só, não garante que você terá uma escola, alunos, um programa pedagógico, pois depende de concurso, contratos, disponibilidade, recursos e enfim, mas sem a formação, a certeza é que jamais terá.

Foucault nos diz:

“Uma vez constituída, uma ciência não retoma a seu cargo, e nos encadeamentos que lhe são próprios, tudo que formava a prática discursiva em que aparecia; não dissipa tampouco – para remetê-lo à pré-história dos erros, dos preconceitos ou da imaginação – o saber que a cerca. A anatomia patológica não reduziu nem reconduziu às normas da cientificidade a positividade da medicina clínica. O saber não é o canteiro epistemológico que desapareceria na ciência que o realiza. A ciência (ou o que passa por tal) localiza-se em um campo de saber e nele tem um papel, que varia conforme as diferentes formações discursivas e que se modifica de acordo com suas mutações”. (FOUCAULT, 1995, p. 209)

Logo, a troca de conhecimentos, a formação, a educação, faz com que possamos aprender mais, nos tornarmos sujeitos melhores, como parte daquilo que queremos ser. Entretanto peço muita atenção, pois a educação por si só, não é a transformação que queremos, pois a educação também é uma forma de controle social, de poder, de concentração de riquezas e distribuição da miséria, aqui encontro o poder da educação alternativa, a qual deve por princípio e objetivo, iluminar e transformar a educação institucional, formal.

A educação deve ser baseada no território, nos saberes acumulados desde a ancestralidade, na ciência como parte da vida, não apenas como teoria ou forma de concentrar recursos e poder, a educação principalmente deve estar engajada com objetivos em torno de resolver os problemas sociais, econômicos, ambientais e políticos, logo, a educação como um todo, deve ser radicalmente transformadora.

Sei, nós sabemos, que o caminho não é fácil, mas é extremamente prazeroso, pois cada educadora, educador, são mais que sementes, são os

semeadores de educandos, para que sejam maravilhosamente transformados e por consequência, transformadores de sua própria realidade e do mundo que lhes rodeia. Não existe a possibilidade de avanço sem a educação transformadora.

Aquilo que, a partir da minha formação e militância nos movimentos sociais, principalmente no Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis, compreendo e compartilho é que o conhecimento deve ter propósito, pois ele só em si, não é transformador, pois quem domina a economia, a política, ou ainda a guerra, não são pessoas com carências, insuficiência de conhecimentos, pelo contrário, são os poderosos que ainda buscam e invariavelmente conseguem, dominar a educação, sendo esta, somente mais um campo de domínio.

Por isso, além de estudar, de buscar conhecimento, capacitação, devemos nos perguntar o porquê, quais objetivos queremos com a elevação de conhecimentos? Devemos sempre nos perguntar porque estudar, ou ainda, para que(m) vai servir estes conhecimentos? Essas perguntas devem ser parte do caminho - aquilo que chamam de trajetória acadêmica, para não correremos o risco de contrair aquilo que desejamos.

O conhecimento jamais deve ser para um crescimento ou fortalecimento apenas individual, apesar de termos que aceitar que seja, pois quanto mais sabemos, conhecemos das coisas, de suas histórias e construções, mais avançamos, reconhecendo que isso também significa um avanço individual, pois portas se abrem e lugares são acessados por indivíduos, incluindo quando representamos instituições coletivas.

Entretanto, precisamos sempre lembrar destas perguntas e principalmente, que eu e você, aprendemos a maioria dos nossos conhecimentos de forma coletiva. Devemos então usar estes conhecimentos para o coletivo, transformando o espaço que eu e você conquistamos, mudando pouco a pouco nossas vidas individuais e contribuindo para a vida coletiva, afinal, já nos demos conta que não estamos sozinhos neste mundo, bem como o mesmo, diz Papa Francisco “o mundo é a nossa casa comum”.

A educação institucional/formal deve sempre ser transformada, pois ela é a base do caminho que seguiremos sozinhos e coletivamente, semeando e construindo educação que podemos chamar de alternativa, pois é baseada nos saberes coletivos e principalmente no uso destes conhecimentos para preservar

vidas, garantir direitos, construir economias alternativas não baseadas no lucro, resolver problemas territoriais, pois em si, a educação deve estar conectada ao mundo que a rodeia.

A educadora e o educador social, são a base desta transformação, pelos desejos construídos em sala de aula, esta pode ser na floresta, na praça, no galpão de reciclagem, não necessariamente dentro de uma escola, universidade, pois a sala de aula é o mundo, nossos territórios em escuta e partilha. Entender que a educação alternativa jamais estará pronta, pois ela se constrói diariamente a partir de cada vivência, de cada depoimento, de cada ação.

Enquanto a educação não for totalmente acessível - com garantia e cuidados para a permanência - para quem deseja lhe acessar, ela é sim um privilégio, por isso devemos lutar para que seja aceita como algo universal, desde o acesso, garantindo a permanência, pois desde um catador como eu, até quem mora nas ruas, merecem, se assim desejam, um espaço para compartilhar seus conhecimentos e este espaço está na educação alternativa.

O futuro improvável, mas não impossível, passa pela caminhada da troca de conhecimentos que vamos adquirindo e compartilhando a cada passo, a cada jornada na caminhada pela busca de novos conhecimentos, havendo distinções entre conhecimentos que são valorizados - a saber, principalmente da escola formal - dos conhecimentos da vida, da escola da vida, os quais são majoritariamente desvalorizados.

Se tenho algum às/aos minhas/eus colegas, lhes digo com todas as letras, os nossos discursos devem estar associados às nossas ações cotidianas, práticas e histórias, as nossas vivências. Não podemos de forma nenhuma tornarmos apenas falantes, que não praticantes. Nossa história pulsa aos olhos atenciosos de pessoas que nos cercam, que tem carinho conosco, mas também por quem de alguma forma prefere ver nossas falhas. Não podemos falhar no nosso processo de formação do conhecimento, na educação, pois falhar com a educação é falhar com a revolução. Nossos desejos futuros devem estar associados ao nosso presente. (CARDOSO, 2022, p.37)

Junto aos marcadores sociais - raça, se você é branco ou preto nesta sociedade racializada e racista, se é homem ou mulher, ou ainda, pessoa não cis gênero ou não binária, ou ainda, se rico ou pobre, ou descende de família rica e prestigiada na sociedade, portas lhes serão abertas ou fechadas. Costumamos ver isso na política, onde o filho do político famoso herda o prestígio político do pai e acaba sendo eleito, o mesmo ocorre, entretanto nas entrelinhas com o acesso ao trabalho, recursos, poder e prestígio na sociedade.

Assim, as educadoras e educadores sociais tem por papel primário, facilitar a troca de conhecimentos, fortalecer a educação - alternativa ou não - com objetivos de transformação social. Entretanto, vale dizer, que este deveria ser o papel das empresas, dos governos e partidos políticos, de todas as pessoas, pois o conhecimento reside em todo lugar, e o tempo todo, aprendemos coisas novas, logo, todo mundo é educando e educador, um microcosmo da educação.

Esse microcosmo, podemos chamar de micrologia, a qual manifesta-se através da caneta, da fala, gestos, imagem, objetos e tantas outras coisas utilizadas como forma base de trocas de conhecimentos, pois assim como os assuntos tratados, bem como as palavras e exemplos usados devem ser parte da cognição da educanda e do educando, a escrita também deve ser.

Quero dizer com todas as palavras, que além da fala, objetos e assuntos discutidos em sala de aula - sala de aula não como a coisa física, mas a coisa onde se dedica para as trocas de conhecimentos - a escrita assim deve também ser, pois de que nos serve ou serve a outros “eus”, escrever e você não conseguir ler ou pior, ler e não conseguir compreender. Logo, a micro - pequena - e logia - escrita, deve ser em acordo principalmente com a cognição das educandas e educandos.

É dessa matéria que se constitui a troca de conhecimentos para a vida, pois ela lida com a realidade sensível bem como com as teorias e práticas, com o conhecimento do dizível – falado também no cotidiano, o qual pulsa em todo lugar, mas que precisa destes espaços e tecnologias – metodologias – para serem partilhados.

MoAne - DINÂMICAS TEÓRICAS, PRÁTICAS E EMPÍRICAS DE VIVÊNCIAS.

A ANE - Alternativas para uma Nova Educação, é articulada através de um grande movimento de educadoras, educadores e educandos, denominado MoAne - Movimento de Alternativas para uma Nova Educação, que vivem de forma prática, alguns de maneira institucionalizada - são professoras, professores e alunos acadêmicos, e outras pessoas, vivem como mobilizadoras/es, participantes/es e até mesmo educadoras/es, sem deixar de serem movimentos sociais, territoriais ou organizações comunitárias, ou seja, articulados social e politicamente para a construção de uma nova educação, a qual é baseada na pedagogia do aprender e compartilhar coletivamente, através de vínculos que fortaleçam as tocas de saberes.

O MoAne procura entrelaçar memórias, saberes, vínculos de amizade, de confiança, de partilha, de cooperação, de solidariedade no contexto de interações virtuais combinado com

o esfacelamento de nossas rotinas e marcados por ausências e perdas reais. Guarda em suas memórias as conversas, as articulações, e as ações conjugadas e mutuamente apoiadas de Educadores Esperançosos que, com forte sentido de respeito a vida e às práticas educacionais - dentro e fora da escola - com um senso de compromisso com as práticas democráticas e solidárias, dedicam-se em mobilizar aqueles que, juntos, de mãos dadas, em relações diversas, desejam somar-se e, quem sabe, multiplicar-se, em uma rede potente de descolonização, emancipação e transformação. (Cavallet; Silva; Brizolla; Cavallet, 2021, p. 135)

Este movimento oferece, através de curso de especialização em alternativas para uma nova educação, no campus litoral da Universidade Federal do Paraná (UFPR/Litoral), localizado em Matinhos/PR, a cada dois anos, para cerca de 80 estudantes como eu, que querem compartilhar conhecimentos, os quais, ao longo do período de formação, escrevem um trabalho como este que estou lhes apresentando. No site da UFPR, vemos:

“Curso de pós-graduação em nível de especialização em Alternativas para uma Nova Educação que tem como **objetivo** organizar um espaço de aprendizagem que busca promover e implementar Novas Alternativas Educacionais, por meio de vivências, estudos, diálogos, fortalecimento em rede envolvendo os educadores, estudantes e suas comunidades na construção de uma educação significativa, transformadora, solidária, inclusiva, ética e colaborativa. Em síntese, busca ampliar alternativas para uma Educação Emancipatória, Humanizadora e Democrática. É ofertado gratuitamente, como parte integrante da política pública de educação da UFPR Litoral.” (Ane, 2023)

Este trabalho, conclui a Ane (2023), é de livre escolha do estudante, sendo que deve contar com experiências vivenciadas durante encontros e as práticas com algum projeto desenvolvido durante a formação, unindo teoria - a partir dos encontros presenciais e on-line, bem como as vivências, como forma prática de aprendizagem e partilha de conhecimentos e a aplicação, através de projetos de educação alternativa, desenvolvido em territórios.

“Os educandos deverão desenvolver um projeto de alternativas para uma nova educação na comunidade, ou seja, maneiras diferentes de fazer a educação (estudos de novas alternativas já implantadas, reestruturações de escolas já existentes, novas propostas de escolas, projetos de educação popular e comunitária, dentre outros). A sistematização das experiências desenvolvidas durante a execução deste projeto, suas reflexões e análises dos diferentes tempos, desafios e circunstâncias, bem como os processos de diálogo e trocas entre pares e com suas respectivas comunidades, poderão resultar no trabalho de conclusão do curso dos educandos.” (UFPR, 2023)

A força desta chamada alternativa para nova educação está no encontro dos diferentes, tanto internos - institucionalizados, como externos - mobilizadores, buscando e fortalecendo a alternativa para a educação, a qual, segundo as experiências que tive durante estes quase dois anos de educando, são baseadas na sua própria vontade, sem cobranças e regras institucionalizadas, as quais a maioria delas, nem sabemos de onde vem, quem as inventou e construiu.



Imagem 31 - Roda de conversa CONANE- apresentação dos projetos (imagem Doin, 2022)

A liberdade da formação é uma alegria, um amor, pois você se coloca no lugar de educando pelo seu próprio sentimento, faz as leituras ou intervenções em aula, não para ganhar ponto, mas porque potencializa seus conhecimentos, os quais ganham esta potência, a partir da exposição.

Educação como prazer e não como obrigação, até mesmo a presença nas atividades, são de sua livre escolha, e por sinal, diferente do que pode se pensar, que uma forma de educação sem regras rigorosas e burocráticas não dá certo, os índices de presenças são altíssimos, mesmo havendo estudantes de vários estados Brasileiros, sempre há muita participação.

Eu mesmo, quando vejo os anúncios de vivências, fico querendo participar, mas nem sempre é possível e mesmo assim, podemos ver os relatos produzidos, os quais são construídos coletivamente pelas educadoras, educadores e educandos, de forma coletiva, sempre havendo a presença de muitas imagens.

A ANE é a partilha entre as educadoras, educadores e novas educandas e educandos. A ANE faz-se do encontro, os quais ocorrem tanto virtualmente, via internet, ou ainda presencialmente, para discutir, refletir, planejar ou ainda, partilhar saberes com convidadas e convidados que contribuíram e ainda contribuem para esta educação alternativa, que vão rompendo e provocando rupturas no sistema, para transformar de fato a educação.



Imagem 32 - 5º CONANE. (MoAne, 2022)

Aquilo que fica como marca no saber, ocorre durante as vivências, onde ocorre o encontro entre educadoras, educadores, educandos e alguma comunidade no território, onde vamos viver de fato aquilo que discutirmos, compreender as dinâmicas do território, a escuta das lideranças que têm muita sapiência sobre os problemas e soluções vivenciados pelas pessoas territorialmente, a erudição de forma empírica, aquela que tem rosto, sentimentos e afetos, tem identidade. A isso damos o nome de vivência.

O movimento é pautado pela busca e concretização de dimensões de interconexões bem estruturadas, as quais servem como estrutura e princípios desta forma de educação, que é mais que alternativa, é de fato transformadora. “Essa é uma síntese das dimensões estruturantes do MoAne, que sustentam nas suas conexões os princípios da autonomia, responsabilidade e solidariedade.”(Cavallet; Silva; Brizolla; Cavallet, 2021, p. 138)

- Intersaberes
- Interculturalidade
- Intergeracionalidade

- Interterritorialidade
- Interinstitucionalidade

Se a educação for sempre igual, sem mudanças e alternativas, recorrerá sempre nos erros que comete e não vê, a falar, a exclusão do diferente, do alternativo, traduzida claro, no baixo rendimento escolar e principalmente na evasão escolar. Quando alguém evade, a educação deveria se perguntar: Para quem perdemos essa criança, jovem ou adulto que deveria estar estudando? Como vamos recuperá-la/o? Quais alternativas poderemos criar para não perder mais ninguém?

A evasão escolar pode até ser uma decisão individual, mas as causas são coletivas, elas vêm principalmente da estrutura e organização social e institucional da sociedade, a qual, não percebe de forma explícita que o país inteiro perde quando um estudante fica fora de sala de aula. Geralmente a evasão está relacionada a problemas econômicos - falta de recursos.

No MoAne acontece também um outro espaço de trocas, que é um evento a CONANE Caiçara. A saber é a Conferência de Alternativas para uma Nova Educação, que ocorre a cada dois anos na Universidade Federal do Paraná (UFPR) Litoral, localizada em Matinhos/PR, a qual reúne palestrantes com experiências alternativas de educação popular, educadoras e educadores populares de várias regiões e cidades do Brasil e da América Latina, e tem como principal objetivo a vivência em torno da educação popular, baseada na solidariedade, empatia e trocas de saberes, e claro, é o momento onde as mais de 80 educandas e educandos, apresentam seus trabalhos de conclusão de cursos de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação.

Nas palavras do argentino Germán Doin, que é o diretor do filme “A Educação Proibida” e coordenador do espaço educacional “Projeto C”, o qual foi colega palestrante da Conane Caiçara, onde também participei, relata sobre minha história de vida e participação:

Uma dessas cores foi fornecida por Alex Cardoso, cujo sobrenome pensei desde o início que era Catador, mas logo entendi que catador significa lixeiro em espanhol. Alex é um catador de lixo popular, conhecido na Argentina como reciclador urbano, cartoneros e outros nomes. Alex insiste em se definir como Catador, por causa de sua origem e para se diferenciar da tendência do mercado de chamá-los de recicladores. Ele vem de uma família de provedores de várias gerações. Conversando durante o almoço descubro que já o tinha visto em um documentário dos anos 90, “La Isla de las Flores”, onde aparece sua família. Esse documentário deu início a uma cultura de denúncia da sociedade consumidora e do lixo que hoje faz parte da política de Alex, que se soma também à defesa do trabalho cooperativo, dos direitos dos lixeiros e, no caso desta conferência: o direito dos setores populares à educação de qualidade. Alex denuncia a educação hegemônica e reivindica

uma educação alternativa e popular. Ele o faz a partir do lugar de um provador que nos últimos 7 anos de sua vida voltou a estudar para concluir o ensino fundamental e receber o diploma de segundo grau, graduação em Antropologia e, atualmente, mestrado. (DOIN, 2022)

Fui convidado para este evento por um de seus idealizadores, o educador Valdo Cavallet, o qual tive o prazer de conhecer numa palestra que ministrei em Cáceres, interior do Estado Mato Grosso, em meio ao Pantanal, mas que tragicamente é tomada pelo agronegócio, ou seja, veneno, plantação de soja, cana de açúcar, criação de gado, gerando destruição ambiental partilhada e riqueza altamente concentrada. A palestra fez parte do Seminário Democracia, Ambiente e Sociedade, ocorrido entre os dias 26 à 30 de junho de 2019. Além da palestra, realizamos visitas técnicas - às vivências, na Cooperativa de Produção de Material Reciclável de Tangará da Serra, Estado do Mato Grosso (Coopertan), cerceados pelo tema De Catador para Catador.



Imagem 33 - Alexandre Cardoso e Valdo Cavallet (Arquivo pessoal, 2024)

Lembro-me que quando comecei a falar no seminário, houve inquietação na plenária, Valdo escutou atentamente e disse-me depois da palestra, que eu deveria participar da Conane Caiçara, a partir dali, participei de duas CONANEs como palestrante e agora, além de palestrante, participarei como educando, apresentando este trabalho de educação popular.

Na Conane, além de palestrar, compreendi as lógicas ali estabelecidas, onde não vi, de forma nenhuma, estudantes tristes, com medo de reprovação ou ainda nervosos por terem que fazer apresentação de seus projetos. Pensem, é a alegria da partilha, sem pressão, obrigação e nem mesmo avaliação de cada uma, de uma reduzida a uma nota.

A Conane é o encontro dos projetos práticos, onde dá-se mais valor ao

desenvolvimento do que a apresentação, pois na prática, o saber, todo mundo tem, o que importa mesmo, é compartilhar, num vínculo de amizade e confiança onde estudantes - os educandos - não concorrem uns com os outros para saber quem é o melhor, mas partilham seus saberes para fortalecerem-se mutuamente.

É difícil saber quem é professor - o educador, e quem é educando, o aluno estudante, pois não há visivelmente uma hierarquia, um poder centralizado em alguém, há sim, uma hegemonia coletiva, a qual concentra-se também nas crianças - convidadas a estarem presentes, e nas lideranças territoriais, dando ouvidos especial aos indígenas, sempre presentes com seus saberes marcantes sobre a proteção ambiental da mãe natureza.

Se houvessem dias de glória, específicos, estes com certeza estariam contabilizados na minha vida, pois o requinte estabelecido é de fato sobre a construção de uma sociedade alternativa, onde se vê pessoas compartilhando seus conhecimentos, percebendo uma conquista coletiva, a qual se irradia como sol, iluminando a construção de um movimento de alternativas para uma nova educação.

Não é só no desejo que as coisas se transformem, é na ação, principalmente coletiva, a qual envolve uma associação, pessoas que pensam e praticam seus desejos, onde na educação alternativa, encontram um terreno fértil e bem delineado - sem margens, a luta pela transformação social. Vou na onda do MoAne, surfando na educação alternativa, olhando na praia os iguais a mim, que compartilham saberes, sonham e lutam por um mundo melhor, com todos irradiados pelo mesmo sol da liberdade e da solidariedade.

Seguimos a inspiração de Paulo Freire quando afirma que: "Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão" e na reflexão de Rosa Luxemburgo: "Quem não se movimenta, não sente as correntes que o prendem." E, porque em tempos de dificuldades e desafios, não podemos paralisar, mas avançar em alternativas e esperar, nos reunimos em muitos coletivos temáticos, territoriais ou por atribuições, embriões de cuidado e transformação. (Cavallet; Silva; Brizolla; Cavallet, 2021, p. 138)

Mas atenção, é preciso ter responsabilidade, comprometimento e afetos para a construção de alternativas para uma nova educação, pois quanto mais liberdade temos, mais amor, empatia e solidariedade precisamos praticar. Se a educação é um dos pilares de uma sociedade, a construção de pedagogias de alternativas de educação, devem ser construída com tanta responsabilidade, comprometimento e afetos, para ser de fato diferente, pois claramente há muito que mudar nesta sociedade.

Este curso não é só uma especialização, ele jamais será só isso, nem tampouco

enquadrasse dentro de uma simples modalidade de especialização, pois ele é especial. Não é a partir de provas, trabalhos, de questionamentos que ele é baseado, mas sim a partir do vivenciar e fazer este curso de especialização pelo desejo de aprender e compartilhar, e é nestas relações – vivenciando - que saberemos o quão importante ele é para nós enquanto indivíduos, mas acima de tudo como sociedade.

Com todas as forças do universo, sejam da natureza, dos deuses, espíritos e até de seres mágicos, este curso é de fato a realização de uma grandiosa conquista, não pelo título, que tem sua grande importância, mas pelas vivências que vivemos, aprendemos e compartilhamos, sem nenhuma obrigação, mas por vontade própria, como um sentimento de amor e responsabilidade, sentimentos estes, que devem ser base de toda educadora, educador, educanda e educando.

Por isso é necessário responsabilidade e comprometimento, pois ambos são uma receita importante para a construção deste doce sonho, o qual tem como ingrediente principal, os vínculos entre educadora/r e educanda/o, e não a burocracia da nota, da obrigação de estudar aquilo que não se deseja, de realizar os estudos como um fardo, algo que não temos prazer nem bons sentimentos em carregar.

A responsabilidade esta em participar, que estar com corpo e mente presente, se ser uma/m educanda/o que pergunta, argumenta, propõe, aprende e compartilha. É muito mais do que estar em sala de aula, é de fato ser a sala da aula, pois a educação e o conhecimento residem em todo lugar, é preciso responsabilidade, comprometimento e afetos, para aprender e compartilhar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Movimento de Alternativas para uma Nova Educação (MoAne) é fundamental para enraizar e irradiar modelos de educação baseada numa educação inclusiva que percebe cada educando e educando com sua singularidade e construindo uma forma de educação coletiva, baseada em princípios bem definidos, os quais têm como objetivos, a transformação social.

Minha história não é de um super herói, é sim de um homem negro de periferia, catador de materiais recicláveis que ousou desafiar os processos excludentes educacionais institucionalizados e burocráticos para compartilhar conhecimentos nos espaços formais de educação, como adulto semianalfabeto na escola e posteriormente como estudante e pesquisador na academia.

Com todas as forças, venho de forma direta discutindo e forçando por vezes que o discurso e a prática tenham proximidade, e mais do que isso, façam parte da

vida cotidiana, me apresentando como uma figura de pensamento - ou seja, pessoas que fazem nos lembrar de outras pessoas a partir de suas histórias. Isso porque acredito fortemente que outras pessoas com históricos de vida semelhantes ao meu - o que é infelizmente, extremamente comum - possam se projetarem na minha história, se assim desejarem, para fazerem as suas.

A educação popular, alternativa, bem como as novas formas de pedagogia do encontro e da troca de conhecimento é de fato uma transformação social, pois dá ouvidos às experiências reais, com pessoas de carne, osso e sentimentos, com histórias, sofrimentos e alegrias reais, a partir perspectiva de estudos de suas próprias histórias, de seus próprios territórios, lutando por um mesmo objetivo, a educação popular e alternativa para transformar educadores e educandos do presente, para que juntos, possam fazer um futuro que ainda reside na utopia.

Não existe outro local, que no seio da educação, para alimentar a cognição da compreensão de sua própria realidade, com leituras reais, para compartilhar os saberes individuais, em conhecimentos populares - de acesso a quem desejar - e este conhecimento dá-se somente quando educadores sociais - que tem esta prática pedagógica - são de fato, as correias de transmissão que fazem a roda deste novo mundo girar.

A educação popular, alicerçada na ideia da partilha - de catador para catador - vem dando muitos frutos, transformando pessoas excluídas em lideranças nacionais, com experiências que olham a economia e a natureza com outros olhos, gerando trabalho coletivo e distribuição de renda com a proteção ambiental, lutando sempre - pelos direitos sociais, os quais, quando garantidos, deixam o vazio da exclusão social para trás.

Por este ser um trabalho sobre educação popular com catadoras e catadores de materiais recicláveis, não posso deixar de dar uma puxada para um tipo de analfabeto que mesmo conquistando latifúndios de diplomas, não deixa de ser um analfabeto, pois não consegue ter a leitura do mundo que lhe rodeia. O analfabeto ecológico.

O analfabeto ecológico é um sujeito descolado, conectado, com estrutura econômica e status social em alta. Tem um bom cargo, às vezes até trabalha no Ministério de Meio Ambiente ou é secretário municipal, usa camiseta "Salve a Amazônia", "Proteja os Animais" e o mais comum "Eu amo Pets", mas não sabe sequer separar seus próprios resíduos. Gosta da empresa privada fazendo coleta e ama os contêineres, pois pode colocar tudo misturado sem ninguém perceber.

Este tipo de analfabetismo faz com que ele deteste a pobreza e de forma nenhuma ele dá esmolas, pois as pessoas têm que trabalhar, não podem receber o

peixe, tem que aprender a pescar, mas como, se por causa dele o rio foi poluído e os peixes foram reduzidos a meras mercadorias, deixando de ser alimentos, estando a disposição apenas de quem pode comprar? Ele não dá esmolas, mas adora dar gorjetas nos restaurantes caros que frequenta.

Aliás, nenhum destes restaurantes pode ter parceria com catadores, eles vendem a cerveja pelo triplo do preço e ainda ficam e vendem a latinha. Pagam salário mínimo aos seus empregados e os demitiriam se soubessem que estes moram numa ocupação. Por fim, muitos deles usam camiseta da seleção e se dizem patriotas, considerando a camiseta o símbolo máximo do País, desprezando sua maior riqueza, que são as pessoas.

Roupas, só de marca e não importa se foram costuradas por crianças no porão de alguma fábrica clandestina. O analfabeto ecológico quer separar economia de natureza, ele entende que natureza é algo externo a ele. Enfim, a lista é grande e infelizmente os analfabetos ecológicos se contam em milhões.

Para nos salvar, seres humanos e não humanos, e resolvermos de vez este problema, gerado no seio da educação formal e da instituição social, só com a destruição do sistema capitalista que ainda domina grande parte da educação formal, integrando - educador e educando, através da educação popular e ambiental contínua, alternativa e transversal.

Por fim, seja você mesmo a diferença, o caminho que deseja percorrer, use seus conhecimentos para melhorar prioritariamente a vida das outras pessoas, daquelas que não conseguem por vezes, se defender ou andar com suas próprias pernas, afinal, para que(m) serve(m) teus conhecimentos se não forem para mudar o mundo?

Alexandro Cardoso.

REFERÊNCIAS

ALVES, Adriana Silva. Formação “De catador para catador”: o Movimento Nacional dos Catadores na construção de sua autonomia político pedagógica. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade de Brasília, 2016. Disponível em: <<http://www.rlbea.unb.br/jspui/handle/10482/20079>> Acesso em 25 out. 2024.

UFPR/Litoral. Especialização em Alternativas para uma Nova Educação. Disponível em: <<https://litoral.ufpr.br/cursos/pos-graduacao/alternativas-para-uma-nova-educacao/>> Acesso em 01 nov. 2024.

CARDOSO, Alexandro. O EU CATADOR: RECICLANDO HUMANIDADES, RESSIGNIFICANDO RESÍDUOS E COMPARTILHANDO A CULTURA SOCIAL DA

RECICLAGEM. Trabalho de Conclusão de Curso, UFRGS, Porto Alegre, 2022.

CAVALLET. Valdo José; SILVA. Lenir Maristela; BRIZOLLA. Francéli; RAITTX-CAVALLET. Susan Regina. Movimento de Alternativas por uma Nova Alternativa (MOANE) e as múltiplas dimensões da prática social. Uniprosa, São Paulo, 2021.

DOIN, Germán. CONANE Caiçara: educação popular, pública e alternativa no Brasil. Disponível em: <<https://movinovacaonaeducacao.org.br/noticias/conane-caicara-educacao-popular-publica-e-alternativa-e-assim-no-brasil/>> Acesso em 02 nov. 2022.

FOUCAULT, M. A arqueologia do saber. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. 41.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GADOTTI, Moacir. Educação popular, educação social, educação comunitária. In: Congresso Internacional de Pedagogia Social. 2012.

GALEANO, Eduardo. As palavras andantes. Rio de Janeiro, L & PM, 1994.

JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 2004.

ONU, Organização das Nações Unidas. Mundo tem pelo menos 1,1 bilhão de pessoas pobres em vários níveis. Disponível em <